



ARU ANDA

Lugar onde moram os orixás cantados até hoje nas rodas



LEDA MARIA MARTINS

QUANDO ESCREVER SOU EU EM TOTALIDADE

LEDA MARIA MARTINS NA
TRAVESSIA DO OLHAR

Roberta Aleixo

Mestranda em Artes - PPGARTES/
UERJ; Pesquisadora e professora de Artes
Visuais; Graduanda em Comunicação
Social.

Eu não sou poeta, mas aprendi a tecer, construir pontos (de crochê), dar forma a partir do movimento, do tempo do fazer e do refazer, do fazer e do desfazer. Meus modos e práticas, civilizadores de mim, adentram o espaço acadêmico, onde em silêncio e conversa parto seguramente para costurar meus olhares sobre o mundo.

As minhas elaborações estéticas e contra-estéticas (GILROY, 2001) surgem dos es-

paços que me levaram até lá: o terreiro, o samba e a música de meu pai que me embalam e me guiam na construção de cada olhar e de cada palavra que começa no sentido – ouvidos, mãos, pernas e braços. Meu encontro com Leda foi a possibilidade de asseverar esse espaço uno, desprovido de demarcações e diluições.

Ao me deparar com Leda Maria Martins, sua poesia me arrebatou, seus encontros e olhar para o corpo negro, para memória e suas possibilidades me conduziram sensivelmente aos meus lugares. Eles tracejaram um caminho ao meu pai, seus discos e suas histórias e a minha mãe e seus ensinamentos. A relação familiar não é o ponto de chegada nem o de partida, mas o elemento contínuo de quem sabe onde está e de onde jamais se desprenderá. A leitura de Leda é o percurso de alguém que observa em palavras e gesto esse não desgarrar de si.

Certamente o movimento que tece as palavras surge dos quadris, princípio orientador

para minha relação com o mundo. Pés, quadris, braços e pernas constroem esse movimento sinuoso. Entretanto, não se encerra nesse lugar. O corpo, produtor de uma textualidade escrita no gesto grafa em outros modos os instantes atravessados entre si. Carrego nele esse movimento pendular de “lembrança e esquecimento, origem e perda” (MARTINS, 2002, p. 71) configurado em tempo e espaço.

A força dos espaços atravessadores e constituintes - bailes, festas, terreiros - se consumaram e se consomam nos territórios de louvação e orientação política, social, existencial, filosófica e estética. Certamente eles comungam e partilham esse espaço chamado corpo e me fornecem o agora.

Esse corpo explorado nas suas possibilidades de movimento e som, voz, conduz a percepções e colaborações semânticas e sígnicas: os itãs¹, os pontos, as palavras residentes na língua (iorubá) - herança real e sensível de quem vive essa constante tra-

vessia - e das canções, samba, funk, pagode, que me investe de uma sabedoria e sapiência na construção político-social e estética - “Somos herança da memória. Temos a cor da noite. Filhos de todo açoite. Fato real de nossa história.” (ARAGÃO, 1992)

O espaço e o tempo surgem sob perspectivas lineares outras – atravessados, deslocados movem e provocam a descentralização. Espiralados e materializados em formas temporais investidas de uma continuidade torna-se um caminho possível para perceber aquilo que passa/passou e que atravessa deixando marcas, sabores e cores.

Essa dimensão sensível que ultrapassa o escrever e não se inscreve unicamente num quadro demarcado e delimitado é certamente a herança produzida por Leda, que sabiamente já anunciava que a sua produção escrita, ultrapassava esse limite e chegava aos sentidos (MARTINS, 2005). Portanto, parti do desejo de escrever algo que saísse de meus pés, de meu corpo e que alcanças-

se essa dimensão totalizante e não apartante que é produzir um texto em que eu ao menos tentasse dar conta da travessia que é Leda Maria Martins em meus olhos.

Em suma esse recorte/retrato é orientado pela poeta, ensaísta, congadeira, dramaturga Leda Maria Martins e suas proposições, conhecimento e elaborações sobre tempo, corpo, memória, teatro e performance negra. Seu direcionamento e olhar para escrita me conduziram a pensá-la enquanto existente no gesto, movimento e som. Escrever sou eu em totalidade.

O que ocorre é que as vezes palavras surgem exigindo sentido - ouvidos, olhos, nariz, boca, corpo e movimento. Outras vezes elas se fazem sentido, corpo e densidade. Aí elas chegam à língua que lhe rasga, embalsama com uma saliva saborosa e lambe os ouvidos. As palavras surgem como peso, ardência e cores aos olhos embalando o sono que se anuncia na tranquilidade do amanhã que chega. As palavras vão se juntando

em um silêncio capaz de criar um tempo/ espaço próprio de quem em memória, lembrança, fantasia, amor e dor faz dança.

LEDA MARIA MARTINS

A trilha percorrida por Leda é extensa, a “carioca feita mineira, como se revela” (FIGUEIREDO, 2014, p.167) possui publicações de seus ensaios e poemas no Brasil, na Inglaterra e na França. É criadora, diretora e produtora, no Brasil e nos Estados Unidos. Atuou como membro titular da Comissão de Seleção da Fundação Ford para dotação de bolsas de pós-graduação destinadas a afrodescendentes. Ela ainda conserva três pós-doutorados: Performance Studies na New York University (2009-2010); Rito, Dramaturgia e teatralidade na Universidade Federal Fluminense (2009) e Teorias da Performance na New York University, EUA (2000). No ano de 1999 torna-se responsável pela implementação do curso de artes cênicas da UFMG como revela a coleção Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica.²

NOTAS

1. Relato mítico da tradição iorubá.
2. FIGUEIREDO, 2014

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Jorge. Identidade. Chorando estrelas, 1992.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo L.. Leda Maria Martins. Org.: DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. MOREIRA, Antônio F; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). Currículo, cultura e sociedade. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. Org.: ARBEX, Márcia; RAVETTI, Graciela. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG, 2002.

_____. Como vencer a ignorância? Com o saber, com o conhecimento. [Entrevista cedida a] Daniela Giovana. Írohín, Brasília, n 12, p. 32-34, Ago/set., 2005.

IMAGENS

Foto de Leda Martins por Foca Lisboa / UFMG